

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
4º Ano
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
7º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 17 – 11.08.2016

Assunto principal: a Sombra do Quatérnio Primário na dimensão pedagógica, com a polarização trágica na adolescência entre o Arquétipo da Anima e o Arquétipo Patriarcal defensivo apresentado no filme *Sociedade dos Poetas Mortos*.

Textos de referência: *Psicologia Simbólica Junguiana*: fixações, defesas e formação da Sombra, capítulo V. *A Viagem do Ser em Busca da Eternidade e do Infinito*, capítulo V, sobre a adolescência. *A Família como Sistema Estruturante do Self – as Sete Fases da Vida e a Crise da Adolescência*, artigo sobre a adolescência no Self Familiar, publicado no livro *Terapia de Família com Adolescentes*, organizado por Gisela Pires Castanho e Maria Luiza Dias, Ed. Roca, 2014.

Boa noite a todos.

Estudaremos hoje mais um caso ilustrativo da crise da adolescência, desta vez dentro da dimensão pedagógica com a polarização entre a criatividade da Anima que conduz um adolescente para a vocação teatral e a tirania patriarcal defensiva de um pai reacionário e despótico, que proíbe a carreira artística do filho. A aula foi baseada no filme *Sociedade dos Poetas Mortos* com Robin Williams (Prof. John Keating) e Robert Sean Leonard (Neil Perry), sob a direção de Peter Weir. Aproveitamos a exibição deste filme para homenagear a brilhante carreira de Robin Williams, recém-falecido aos 63 anos. Segundo o noticiário jornalístico, ele recaiu recentemente no alcoolismo. Após 20 anos de abstinência, estava em depressão e suicidou-se após saber que sofria de Parkinson.

A crise da adolescência tem a finalidade arquetípica de polarizar o adolescente com os complexos parentais, dentro do Self Familiar. Este confronto é catalisado pelo amadurecimento das glândulas sexuais e pelos Arquétipos da Anima, do Animus e do Herói **e sua finalidade é a passagem dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal, na personalidade do jovem, da atitude passiva da infância, para adquirir a atitude ativa característica da vida adulta.**

Assim, a adolescência é a quarta fase arquetípica da vida e consiste numa verdadeira revolução dentro do Self Individual Familiar e Cultural, com uma grande alteração de papéis dos pais e dos filhos. Até então, a dinâmica do Self Familiar opera predominantemente dentro da família. Na terceira fase (2-12 anos), essa dinâmica começa a sair para o mundo, mas a influência do Self Cultural ainda se faz predominantemente através dos complexos parentais no quaternio primário. No entanto, na quarta fase, os jovens saem para atuar e interagir diretamente dentro do Self Cultural. Devido à importância dessa transformação arquetípica, considero-a **a segunda metanóia**.

Todas as transições de uma fase para a outra ativam **o Arquétipo da Vida e da Morte** e apresentam depressão, desapego e vivência de morte ao deixarem a fase anterior e elação, apego e vida renovada ao passarem para a fase seguinte. Por isso, **as transições arquetípicas, as metanoias, são zonas de risco**, sujeitas a fixações, com formação de defesas e compulsão de repetição, ou seja, Sombra.

Desta maneira, podemos compreender melhor como as fixações paralisam e deformam o Arquétipo da Vida e da Morte. **As fixações comprometem a vida** porque o processo existencial sofre estagnação e compulsão de repetição, como um carro atolado, que, quando acelerado, respinga lama para todo lado, mas, na realidade, ainda muito pouco. Ao mesmo tempo, **as fixações limitam a morte**, porque impedem que ela propicie deixar o apego ao passado em troca de uma nova maneira de Ser.

Na segunda fase da vida (0-2 anos), essa transformação se apresenta, principalmente, na mudança progressiva do sono para a vigília, com o desenvolvimento da respiração, da sucção da alimentação e de todas as funções sensoriais na descoberta do mundo. Sua vitalidade já foi equiparada ao **grito primal** e suas fixações podem ser vistas em torno do não acolhimento das pulsões da sensualidade matriarcal, que a criança vivencia como rejeição e abandono. Vimos como Kevin, quando bebê, gritava de frustração por não ser acolhido por sua mãe, o que correspondeu, sem dúvida, a uma profunda vivência de rejeição e abandono que formou uma intensa fixação. Seu pai atuou intimamente no quaternio primário, mas, apesar de afetivo e acolhedor com o filho e perceber claramente a defesa autista e a limitação emocional da mãe, atuou somente de maneira complementar e não impediu como deveria ter feito que o bebê ficasse à mercê da maternidade disfuncional da mãe.

Na terceira fase (02-12 anos), continua o desapego da vivência simbiótica do colo e dos cuidados íntimos. A autonomia da criança aumenta e o Arquétipo Patriarcal é ativado pela aquisição do controle esfinteriano, da bipedestração e marcha, do início da autonomia alimentar, da percepção da identidade sexual e da fala, que preparam a

limitação matriarcal e a socialização da criança. Não há dúvida de que a relação apego-desapego e morte-vida da terceira fase seja muito intensa.

A revolução arquetípica da quarta fase, da adolescência (12-20 anos), é tão intensa e transformadora, porque no que diz respeito à morte, ela envolve a vivência de orfandade por matricídio e parricídio simbólicos. Trata-se do segundo grande corte do cordão umbilical, desta vez, na dimensão social do Self Familiar, assinalada mitologicamente pela morte do dragão pelo herói patriarcal e sua incorporação ao Self da criança a serviço do seu amadurecimento.

A vivência de parricídio e matricídio simbólicos da adolescência é a expressão da **separação do Ego da criança dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal na atitude passiva**. Desta maneira, a constelação da morte é extraordinariamente intensa e determina um **alto grau de risco** para esta fase. É que, além da agressividade necessária para consumir simbolicamente o matricídio e o parricídio, na morte do dragão incentivada pela Anima, pelo Animus, pelo Arquétipo da Alteridade e do Herói, esta empreitada é coadjuvada **pelo grupo social, a patota, que se une de maneira coesa contra a família na busca da conquista dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal na atitude ativa**. A transformação arquetípica é aqui tão acentuada que a considero a **segunda metanóia**.

Essa profunda transformação torna o adolescente muito idealista, instável, inseguro e vulnerável às influências revolucionárias heroicas. Os políticos experimentados conhecem esse idealismo revolucionário e frágil dos adolescentes, que os torna manipuláveis inocentes úteis e presas fáceis como “massa de manobra” política.

Essa transformação torna o adolescente também muito vulnerável às drogas, pois estas lhe trazem uma vivência onipotente de transcendência que o inunda de energia do Arquétipo Central e de vivência mística de totalidade, com o desaparecimento dos limites e a consequente autorização para a onipotência e o transbordamento emocional.

O aumento do risco é proporcional à constelação da morte nesta grande revolução, pois sabemos da mitologia e da história, como o herói patriarcal é engrandecido, quando sua própria vida é ceifada no desempenho da missão de autoafirmação por uma causa. O risco pode vir de condutas transgressoras do bom senso e das normas sociais e dos limites do próprio corpo, com drogas e prazeres audaciosos, como também do engajamento em ideais revolucionários, e em atuações eróticas e românticas tão grandiosas quanto onipotentes e irresponsáveis. A estas realizações heroicas, somam-se as fixações sombrias do Arquétipo do Herói, expressas na delinquência crescente que pode atingir a conduta terrorista em culturas de acentuada dominância patriarcal.

É dentro desta transformação arquetípica, que podemos compreender a trágica psicodinâmica do Self cultural, institucional, familiar e individual, vivida neste filme.

A Academia Welton representa ficticiamente uma famosa instituição tradicional no ensino secundário americano, que prepara jovens de famílias abastadas para as melhores universidades. Logo de início, vemos que a maior parte do ensino é exercida através do método tradicional decoreba, não construtivista, no qual o professor dá a matéria e o aluno estuda o que recebeu para repetir e ser testado nas provas. Como sabemos, esse método de ensino mantém o aluno na atitude matriarcal e patriarcal passiva e forma, basicamente, repetidores. Ele é muito diferente do ensino construtivista desenvolvido por Piaget, e concebido por mim como ensino construtivista simbólico, que propicia a interação dialética de alteridade professor-aluno, na qual a Anima, o Animus e o Herói estimulam **explicitamente** a criatividade do aluno para ultrapassar o que recebe através da posição matriarcal e patriarcal passiva, para exercê-los dentro do matriarcal e patriarcal ativos.

Como descrevi em meu livro *A Construção Amorosa do Saber – O fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana*, o construtivismo de Piaget ficou limitado à dimensão racional, expresso pelas funções estruturantes do pensamento e da sensação. Com essa descrição exclusivamente racional do desenvolvimento da inteligência, Piaget estabeleceu a passagem para a inteligência conceitual, deixando na infância a inteligência sensório-motora. Assim fazendo, Piaget acompanhou Freud, a psicologia tradicional, a história e o humanismo junto com a interpretação patriarcal evolucionista da cultura e deixou num estágio anterior desprestigiado, reduzido à imaturidade, a inteligência sensório-motora. **No entanto, esse construtivismo exclusivamente racional pode ser ampliado e complementado com o construtivismo simbólico, expresso também pelas funções estruturantes da intuição e do sentimento, para expressar a emoção irracional (sensório-motora) dentro da dialética do Arquétipo da Alteridade, que engloba os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal, da Anima e do Animus, incluindo a inteligência conceitual junto com a inteligência sensório-motora.**

É exatamente esse construtivismo simbólico que, Keating, o professor de literatura, adota e fascina seus alunos com os Arquétipos Matriarcal, do Animus, da Anima e do Herói destoando fortemente da aridez patriarcal tradicionalmente repetitiva dos demais professores.

O professor Keating (Robin Williams) estudou na Academia Welton e agora voltou para ensinar e modificar tudo o que recebeu, quando ali se formou. Ele deseja, talvez em grande parte inconscientemente, viver agora, através dos seus alunos, a transformação

da adolescência que provavelmente não pôde vivenciar na época em que frequentou a escola. **Por isso, sem se dar conta completamente do incêndio que pode causar, ele prepara seus alunos para viverem a rebelião que ele traz dentro de si.**

O seu método é construtivista, dialético e emocional, ou seja, simbólico, o que lhe permite ensinar literatura com técnicas expressivas, inclusive de imaginação e dramatização.

Logo no início, empregando essas técnicas, leva os alunos para a sala ao lado e pede a eles que vejam nas paredes, fotos de turmas antigas e imaginem como aqueles alunos eram parecidos com eles. Ele lembra o famoso lema *carpe diem*, que significa “proveitem o dia de hoje” e, a seguir, os aterroriza com a ideia de que seus colegas do passado se tornaram comida para vermes e adubos para flores. Por isso, afirma: **“proveitem o agora e façam de sua vida algo extraordinário”.**

Difícil imaginar um chamado mais sedutor, convincente e desafiador para convocar a Anima e o Herói para a individuação. Ele cita o poeta Walt Whitman que elogia o presidente Lincoln num poema intitulado *Oh Captain, my Captain* e a seguir estimula os alunos para que lhe chamem assim.

Nada mais estimulante para ativar a Anima e o Arquétipo do Herói dos rapazes, do que evocar a figura heroica de Lincoln, que teve a coragem para abolir a escravidão nos Estados Unidos (1789-1861). No entanto, o perigo do método do construtivismo simbólico, ou seja, sua Sombra é exatamente o de insuflar a conduta transgressora desavisadamente e, ao fazê-lo, desencadear movimentos contrários reacionários, defensivos e reativamente repressivos. Para entendermos profundamente o que é a alteridade, lembremos que o próprio Lincoln, ao abolir a escravidão, desencadeou a Guerra Civil (1861-1865), na qual morreram 500 mil americanos, 500 mil foram feridos e foi, logo depois, ele próprio assassinado (1865).

A história está repleta desses exemplos heroicos que desencadeiam revoluções idealistas de alteridade, seguidas de reações repressivas patriarcais reacionárias. Uma delas foi a Revolução Francesa, cujo lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” desencadeou o Terror, que ensanguentou a França e culminou na ditadura guerreira de Napoleão. Outros grandes exemplos foram as revoluções comunistas da Rússia, de Cuba, da Coreia do Norte, da China e do Camboja, que transformaram o ideal socialista equalitário em ditaduras sangrentas. Em escala menor, mas também com componentes de ditadura e tortura, nós presenciamos esse movimento na América Latina no século passado. Os ideais revolucionários heroicos e fascinantes de Sierra Maestra, em Cuba, incendiaram as esquerdas e lançaram muitos jovens idealistas e patriotas no

caminho radical da *revolución* socialista pela força. O resultado foi a repressão, a ditadura de vinte anos e a tortura das quais finalmente nos livramos no Brasil e no resto da América Latina, mas que deixaram no seu rastro de sangue famílias desses jovens patriotas destroçadas. Infelizmente a esquerda revolucionária não fez uma análise dialética da sua opção pela dinâmica patriarcal repressiva da luta armada e, até hoje projeta sua opção defensiva exclusivamente nos governos que instalaram reativamente ditaduras militares repressivas.

A Anima, o Animus, o Arquétipo da Alteridade e do Herói, e o processo de individuação existem e, com eles, a busca de democracia com a liberdade, igualdade e fraternidade. Só que, quando o Arquétipo do Herói da Alteridade confronta o Arquétipo Patriarcal para combatê-lo, mas é possuído pela violência e pela transgressão, o Arquétipo Patriarcal e seu herói se tornam defensivos, repressivos e torturadores e a Sombra toma conta do processo de transformação.

Quando a esquerda francesa inventou a guilhotina para lidar com a oposição, ela cavou o seu próprio túmulo com a espada de Napoleão. A morte, em 1793, do cientista revolucionário e prefeito de Paris em 1791, Jean Silvain Bailly na guilhotina, foi um símbolo que não podia ser mais significativo, sobretudo quando lembramos que o Dr. Guillotin, inventor da guilhotina, foi seu colega de revolução, que também assassinou o grande cientista Antoine Lavoisier.

Para polarizar com o patriarcal ativo para integrá-lo no desenvolvimento e passar para a alteridade, o herói transformador não pode passar a defensivo: “aqueles que matarem pela espada, morrerão pela espada”, é um velho ditado de tradição milenar...

Foi exatamente nesse ponto que o prof. Keating se deixou possuir defensivamente pela criatividade de sua Anima e caiu no patriarcal defensivo que invalidaria sua causa e contribuiria para a tragédia.

Já no primeiro dia de aula, quando quer ser chamado como Lincoln (*oh captain, my captain*) Keating mostra a inflação e a onipotência que comprometeriam sua pedagogia simbólica. Logo a seguir ele chama a introdução do Prof. Pritchard, no livro didático do curso de inglês, de excremento. Ele não para aí e manda os alunos arrancarem do livro as páginas escritas pelo Prof. Pritchard e eles o fazem. Está configurada a possessão do prof. Keating pelo patriarcal defensivo e, com isso, ele dá de bandeja a causa revolucionária, que acabaria sendo “guilhotinada” pelo pai do aluno Neil. E assim aconteceu.

Agora vou entrar por um caminho da dialética da alteridade e do processo de individuação que poderá chocar muitos jovens idealistas, mas é preciso que eu o faça

para elaborar a Sombra da alteridade presente na famosa canção do poeta Geraldo Vandré:

“Vem, vamos embora que esperar não é saber: Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

Já vi essa canção ser entoada romanticamente com grande emoção no final de shows musicais, mas, se pensarmos como ela foi usada politicamente, temos que reconhecer que ela foi um desastre do ponto de vista do conhecimento maduro do que é a alteridade. Como é que líderes de esquerda não viram que não tinham a menor chance de enfrentar as tropas federais e seduziram jovens a se engajarem, por exemplo, na Guerrilha do Araguaia para repetir Sierra Maestra?

O Arquétipo da Alteridade e o processo de individuação são para pessoas com maturidade pós-matriarcal e pós-patriarcal e não devem ser usadas para seduzir jovens sob pena de jogá-los nas garras do patriarcal defensivo e repressor. No entanto, sem o querer, foi isso exatamente o que o Prof. Keating fez.

Se o Prof. Keating fosse maduro, ele nunca deveria ter deixado e estimulado o jovem Neil a fazer parte da peça de teatro apresentada no final do ano escolar. Quando Neil foi ao seu quarto e relatou a proibição de seu pai, o professor só fez estimular o rapaz a polarizar para convencer seu pai. Ao ouvir essa orientação com todo o peso da transferência pedagógica que ele tinha com o professor, Neil se sente encurralado entre o caminho da sua Anima e o patriarcal repressivo de seu pai e do Prof. Keating e achou que não tinha saída. *“I am trapped”*, ele diz. *“Estou preso numa armadilha”*. Em momento algum, o Prof. Keating percebeu que o pai de Neil tinha todo o poder sobre o rapaz e que, se contrariado, é óbvio que o massacraria, começando por tirá-lo da escola, como de fato aconteceu. Vandré também não percebeu que **“quem sabe não faz a hora, pois quem sabe, espera a hora**, ou seja, espera com paciência o momento oportuno da sincronicidade”.

Keating desconheceu a sabedoria do Zen Budismo que ensina que **“ao sentir a neve mais pesada que ele, o galho do pinheiro verga e, com isso, a neve cai e ele não quebra”**.

Ao seguir o conselho do Prof. Keating e enfrentar seu pai, para que mudasse de ideia, Neil assina seu atestado de óbito. Será que o Prof. Keating não imaginou que o pai, intolerante, reacionário e despótico como era, se contrariado, iria partir para cima do filho e massacrá-lo? Será que o Prof. Keating não tinha aprendido que não se pode combater o patriarcal repressivo com o patriarcal psicopático delinquencial, pois quando assim

fazemos, damos a causa da liberdade e da alteridade de bandeja para os reacionários repressivos?

Foi exatamente o que Keating não tinha aprendido e não praticou. Ao estimular Neil a participar da peça escondido, ele enfiou a cabeça do rapaz na guilhotina, pois enfureceu o pai e deu a ele uma oportunidade de ouro para castrar o filho.

O que era óbvio de se ver do ponto de vista da dialética de alteridade, não foi pelo Prof. Keating, visto ou previsto. Uma vez encurralado pela vitória sádica e repressiva do pai, Neil virou contra si mesmo a frustração e a agressividade desencadeadas pela derrota. Sua saída foi análoga a de um homem bomba que, humilhado e oprimido no seu ideal, só lhe resta usar sua própria vida como último argumento de sua causa.

Será que o Prof. Keating aprendeu alguma coisa com isso ou estará ele agora em outra escola, desqualificando o Prof. Pritchard e estimulando adolescentes a desacatar os pais que não deixam seus filhos seguirem sua vocação? Esta ocorrência nos faz lembrar a posição de Jung que sabiamente considerava a regressão muitas vezes uma estratégia de recuar para melhor saltar. *Réculer pour mieux sauter*. É o que o pinheiro japonês faz e o que Neil não fez.

Na próxima aula, continuaremos a estudar a crise da adolescência, desta vez com uma professora que faz o oposto do Prof. Keating. Ela resiste a todas as provocações, tanto dos seus alunos quanto dos seus superiores, **e em momento algum se deixa possuir pelo patriarcal defensivo**, ao seguir fielmente seu Animus na luta pela individuação. Trata-se do filme *Escritores da Liberdade*.

Peço a vocês para lerem *Psicologia Simbólica Junguiana*, cap. XI: O Arquétipo da Alteridade.

Boa noite a todos e até a próxima quinta-feira,

Byington